Revista de Enfermagem UFPE On Line

ISSN: 1981-8963

ARTIGO ORIGINAL

ESTUDANTES DE CURSO TÉCNICO DE ENFERMAGEM SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO

NURSING TECHNICIAN STUDENTS REGARDING THE GENDER PERSPECTIVE

ESTUDIANTES DE CURSO TÉCNICO DE ENFERMERÍA AL RESPECTO DE LA PERSPECTIVA DE GÉNERO

Andréia Silva Rodrigues[1], Gleide Regina de Sousa Almeida Oliveira[2], Jeane Freitas de Oliveira[3], Míriam Souza Neri[4], Priscilla Nunes Porto[5], Anne Jacob Souza Araújo[6]

RESUMO

Objetivo*:** descrever o perfil de estudantes de um curso técnico de enfermagem no que diz respeito à perspectiva de gênero. ***Método*:** estudo descritivo, com abordagem qualitativa, realizado no período de novembro de 2010 a março de 2011 com 98 estudantes de um curso técnico de enfermagem privado. Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário sociodemográfico. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, protocolo nº 030/2010 ***Resultados*:** a população de estudantes do curso técnico de enfermagem é formada por adultos jovens (19 a 25 anos), majoritariamente, mulheres, estudantes, católicas, de cor parda e com renda familiar entre um e dois salários mínimos. ***Conclusão*:** observou-se a conservação da feminização desta profissão. Os aspectos sociodemográficos revelaram que o grupo de estudantes não está unido apenas pela condição de discente do mesmo curso, mas também por condições socioeconômicas, religiosas e culturais que demarcam experiências similares no contexto de vida e de construções sociais de gênero. ***Descritores: Educação Técnica de Enfermagem; Enfermagem; Identidade de Gênero.

ABSTRACT

Objective: to describe the profile of students of a nursing technical course regarding the gender perspective. ***Method:*** a descriptive study with a qualitative approach, carried out from November 2010 to March 2011 with 98 students of a private nursing technical course. For data collection we used a sociodemographic questionnaire. The research project was approved by the Research Ethics Committee, under protocol number 030/2010. ***Results:*** the population of students of the technical nursing course is composed of young adults (19 to 25 years old), mostly women, students, Catholic, brown color and with family income between one and two minimum salaries. ***Conclusion:*** it was observed the conservation of the feminization of this profession. The sociodemographic characteristics revealed that the student group is not united only by student status of the same course but also by socioeconomic, religious, and cultural conditions that demarcate similar experiences in the context of life and social constructions of gender. ***Descriptors:*** Technical Nursing Education; Nursing; Gender Identity.

RESUMEN

Objetivo*:** describir el perfil de estudiantes de un curso técnico de enfermeira al respecto de la perspectiva de género. ***Método*:** estudio descriptivo, con enfoque cualitativo, realizado en el período de noviembre de 2010 a marzo de 2011 con 98 estudiantes de un curso técnico privado de enfermería. Para recoger los datos, fue utilizado un cuestionario socio-demográfico. El proyecto de investigación fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación, protocolo nº 030/2010 ***Resultados*:** la población de estudiantes del curso técnico de enfermería es formada por adultos jóvenes (19 a 25 años), mayoritariamente, mujeres, estudiantes, católicas, de color pardo y con renda familiar entre uno y dos salarios mínimos. ***Conclusión*:** se observó la conservación de la feminización de esta profesión. Los aspectos socio-demográficos revelaron que el grupo de estudiantes no está unido apenas por la condición de discente del mismo curso pero también por condiciones socio-económicas, religiosas y culturales que demarcan experiencias similares en el contexto de vida y de construcciones sociales de género. ***Descriptores: Educación Técnica de Enfermería; Enfermería; Identidad de Género.

[1]Enfermeira, Mestra, Doutoranda em Enfermagem, Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia/EEUFBA. Salvador (BA),-Brasil. E-mail: enfandreiarodrigues@hotmail.com; [2]Enfermeira, Mestra em Enfermagem, Egressa, Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia/EEUFBA. Salvador (BA),-Brasil. Salvador (BA),-Brasil. E-mail: gleideenf@gmail.com; [3]Enfermeira, Professora Doutora em Saúde Pública, Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia/EEUFBA. Salvador (BA),-Brasil. Salvador (BA),-Brasil. E-mail: jeanefo@ufba.com.br; [4]Enfermeira egressa, Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia/EEUFBA. Salvador (BA),-Brasil. E-mail: miriam_neri@hotmail.com; [5]Enfermeira, Mestranda em Enfermagem, Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia/EEUFBA. Salvador (BA),-Brasil. Salvador (BA),-Brasil. E-mail: pri_nrp@hotmail.com; [6]Enfermeira, Mestranda em Enfermagem, Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia/EEUFBA. Salvador (BA),-Brasil. Salvador (BA),-Brasil. E-mail: annejacob@hotmail.com

INTRODUÇÃO

No decorrer da história, a Enfermagem foi sendo subdividida através do crescimento das técnicas de cuidado em saúde, da racionalidade dos serviços médico-hospitalares, da luta de grupos sociais pela ascensão na escala social por instrução e intelectualização, com progressiva divisão técnica do trabalho nas sociedades capitalistas. Nesse contexto, existiram conjuntamente as categorias de: enfermeiras, atendentes, auxiliares e técnicas de enfermagem.

Antes disso, ao se ensinar a prática de enfermagem num contexto capitalista, através da escola, ocorrem duas divisões: a primeira relacionada ao ensino versus a prática, que tem o ensino como detentor do saber e a prática como o trabalho manual desqualificado; e a segunda, no século XX, relacionada ao ensino dividido em graus, desde o mais complexo, que refere-se ao ensino superior, o qual reforça a divisão do trabalho intelectual e manual ao mais simples, o que é equivalente às pessoas sem escola, ou seja, às atendentes do cuidado, pessoas que só fizeram treinamentos ou tinham experiências.[1]

A inclusão da auxiliar de enfermagem, como linha profissional mais remota, advém do bojo da formalização da formação comparável à do ensino superior no Brasil com a justificativa principal de existência de poucas enfermeiras para atuarem na assistência direta, sendo regulamentada pela Lei 775/49, que regula os cursos de enfermagem de nível superior.[2] Na década de 1960, surge outro nível profissional, a técnica de enfermagem, com o objetivo de promover o progresso técnico de nível médio, o que incrementa ainda mais a divisão do trabalho na enfermagem com a argumentação de oferecer um melhor atendimento às necessidades da pessoa assistida.[1]

A classificação de atendente de enfermagem se extinguiu com o advento da lei 7.498/86, que dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem, ficando as seguintes classes: a(o) enfermeira(o), a(o) técnica(o), a(o) auxiliar de enfermagem e a parteira.[3]

Ao técnico de enfermagem foi dado um contingente importante da força de trabalho da enfermagem[4] e tem função fundamental junto ao cliente na prevenção, promoção e recuperação de saúde. Ainda, segundo Peduzzi[5], o perfil do técnico requer habilidades cognitivas, técnicas e afetivas, de inter-relação com clientes e demais trabalhadores, além de iniciativa e criatividade, portanto, é necessário o conhecimento das particularidades deste grupo profissional desde a sua formação a fim de adequar a qualificação desse grupo social para garantir melhores ações e condições de trabalho.

A utilização de indicadores sociodemográficos tem papel de destaque para a determinação social das coletividades[6], pois o conjunto de informações gerados pelos estudos demográficos geram análises das condições de vida de uma população.[7] Acrescido a isto, consideramos também os aspectos de gênero, sendo estes elementos constitutivos das relações sociais baseadas nas diferenças que distinguem os sexos e uma forma primária de relações significantes de poder, nas quais as mulheres se encontram em posição de inferioridade quando comparadas aos homens.[8-10]

Partindo desta premissa, surge o questionamento: diante do aumento da demanda de profissionais técnica(o)s de enfermagem e da expansão dos cursos de formação profissionalizante, qual é o perfil dos estudantes técnicos de enfermagem numa perspectiva de gênero? Para tanto, esse estudo tem como objetivo geral: descrever o perfil de estudantes de um curso técnico de enfermagem no que diz respeito à perspectiva de gênero. Foi estabelecido como objetivo específico: identificar as características sociodemográficas de estudantes de um curso técnico de enfermagem.

A escolha de discentes de curso técnico de enfermagem como participantes desse estudo se deu, principalmente, devido à carência de estudos com este grupo de pessoas. Esta categoria profissional em muitos momentos é desvalorizada e excluída de processos decisórios, ficando a cargo desta somente receber e respeitar as normas e ordens pré-estabelecidas e decididas, sem a sua participação.[4] Portanto, pesquisas com estudantes técnicos de enfermagem são necessárias devido à relevância da prática de saúde desta categoria junto aos clientes e para que venha surgir propostas de transformação da prática profissional desde o momento de formação.

Esse estudo torna-se relevante considerando que a prática profissional permeia o campo do conhecimento e da subjetividade refletindo crenças, experiências, ideologias e sentimentos, portanto, os valores de classe, raça e gênero ao longo da trajetória de cada estudante e futuros profissionais estarão inseridos na prática de trabalho juntamente com o saber

teórico e as virtudes técnicas. Então, conhecer esses valores poderá auxiliar no processo de trabalho destes profissionais, mediante a introdução de novas estratégias de abordagem educacional adequadas ao perfil da população alvo.

MÉTODO

Artigo elaborado a partir da dissertação << Representações sociais de discentes do curso técnico de enfermagem sobre a problemática das drogas >> apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Escola de Enfermagem da UFBA, da Universidade Federal da Bahia/BA, Brasil. 2011

Estudo descritivo com abordagem qualitativa. Este é um recorte de uma dissertação[11] desenvolvida na cidade de Salvador – Bahia, em um curso técnico de enfermagem privado, após aprovação para realização da pesquisa pelo Comitê de Ética da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia mediante protocolo de nº 030/2010.

O curso oferecido pela Instituição de Ensino tem a duração de vinte e quatro meses, sendo ministrado em quatro blocos, para grupos que variam de vinte a quarenta estudantes. Cada bloco agrupa determinadas disciplinas e estágios que funcionam como pré-requisitos para a estudante dar continuidade com o bloco seguinte até a obtenção do grau de profissional técnico de enfermagem com o final do curso.

Ele tem grade curricular variada, com uma carga horária total de 1.820 horas, sendo 1.220 h destinadas à teoria e 600h para atividades práticas realizadas em unidades do Sistema Único de Saúde (SUS) a exemplo de hospital, unidade básica de saúde, maternidade e pronto atendimento, funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, e atende uma média de 250 alunos por ano.

A população do estudo foi composta por 98 estudantes que estavam inclusos no total de sujeitos do referido curso técnico de enfermagem, que frequentavam e estavam devidamente matriculados.

A coleta de dados ocorreu no período de novembro de 2010 a março de 2011, utilizando-se o questionário sociodemográfico, componente do instrumento Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), aplicado coletivamente nas salas de aulas.

O Teste de Associação Livre de Palavras é uma técnica interrogativa, de aplicação rápida e de fácil compreensão. Este é amplamente utilizado nas pesquisas sobre representações sociais permitindo colher elementos através de expressões verbais espontâneas menos controladas e mais autênticas, que seriam perdidas ou mascaradas nas produções discursivas[12].

No questionário sociodemográfico, constavam dados como o sexo, a idade, estado civil, religião, renda familiar, cor autodeclarada, atuação profissional e tempo de atuação (caso o(a) participante atuasse na área de saúde), sendo aplicado de forma coletiva em sala de aula.

Os dados desse questionário foram processados no *software* estatístico *STATA*, versão 8.0 e organizados conforme as variáveis: sexo, idade, renda familiar, cor autodeclarada, ocupação no mercado de trabalho e atuação na área de saúde. A partir dos resultados, foi realizada uma análise na perspectiva de gênero.

RESULTADOS

Mesmo sabendo que todas têm o segundo grau completo, pois essa escolaridade é exigida como pré-requisito para o curso técnico de enfermagem, foi percebido, durante a coleta e análise dos dados, que o grupo social estudado apresenta grande dificuldade no português tanto em relação à escrita quanto em relação à fala. Isto reflete o déficit na educação das escolas do ensino médio e fundamental da cidade.

O grupo social estudado, de acordo com a tabela 1, foi composto predominantemente por pessoas do sexo feminino. A desproporção no número de participantes relacionado ao sexo, atrelada às questões de gênero foram determinantes para adoção da terminologia no gênero gramatical feminino ao referenciar-se ao grupo estudado na apresentação dos resultados dessa pesquisa, ou seja, gramaticalmente serão utilizados artigos gramaticais que indicam substantivos femininos, como por exemplo, *as* participantes, *as* alun*as*.

As participantes são em sua maioria jovens e a idade mediana se deu em torno de 26 anos. Um total de 87,7% das entrevistadas se declararam pertencentes à raça negra, ou seja, pretas e pardas.

A renda familiar das participantes foi classificada com base no salário mínimo (SM) estabelecido pela Presidência da República Brasileira no valor de R$ 510,00 (quinhentos e dez reais), vigente nos meses da coleta do TALP. Assim, a maior proporção concentrou-se acima de 1 e menos que 2 SM.

Ao ser analisado o tipo de ocupação das participantes, o maior número é de estudantes, seguida das que atuam na área de

saúde, seja com atividades remuneradas e/ou acadêmicas (Tabela 1).

Tabela 1. Caracterização sociodemográfico de estudantes de um curso técnico de Enfermagem (Salvador-BA), outubro/ 2010 a março/ 2011(n=98).

Característica	n (%)
Sexo	
Masculino	08 (8,2)
Feminino	90 (91,8)
Grupo etário (em anos)	
19 a 25	44 (44,9)
26 a 31	31 (31,6)
32 a 37	14 (14,3)
38 anos e mais	09 (9,2)
Cor (auto referida)	
Branca	05 (5,1)
Preta	37 (37,7)
Parda	49 (50,0)
Amarela	03 (3,1)
Indígena	01 (1,0)
Não respondeu	03 (3,1)
Religião	
Católica	55 (56,1)
Protestante	25 (25,5)
Sem religião	06 (6,1)
Outras religiões	07 (7,2)
Não respondeu	05 (5,1)
Renda familiar (em salários mínimos)	
Inferior a 1 SM	24 (24,5)
1 até 2 SM	51 (52,0)
Acima de 2 SM	19 (19,4)
Não respondeu	04 (4,1)
Atividade principal que atualmente desempenha	
Estudante	42 (42.9)
Trabalhador dos serviços	14 (14.3)
Vendedor ou prestador de serviços do comércio	11 (11,2)
Doméstica	10 (10,2)
Autônomo	01 (1,0)
Atua na área de saúde/ estagiário	18 (18,4)
Sem informação	02 (2,0)
Naturalidade	
Salvador	43 (49,4)
Interior	37 (42,5)
Outras regiões	07 (8,1)

Das 18 participantes que informaram ter atuação na área de saúde, algumas revelaram desenvolver atividades em domicílios como cuidadoras de idosos ou de crianças. Outras têm atividade em ambiente hospitalar ou são trabalhadoras de clínicas ou consultórios de saúde, exercendo atividade de auxílio desde recepção até instrumentação durante procedimentos realizados.

Os dados apresentados na tabela 2 caracterizam o grupo social quanto à atuação na área da saúde, tempo e local dessa atividade.

Tabela 2. Distribuição das estudantes que exercem atividades na área da saúde quanto ao local e tempo, Salvador-BA, outubro/ 2010 a março/ 2011(**n=98**).

Característica	**n (%)**
Exerce atividade na área da saúde	
Sim	18 (18,4)
Não	80 (81,6)
Tempo (anos) (n=18)	
Até 1 ano	05 (27,7)
1 a 2 anos	04 (22,2)
3 a 4 anos	03 (16,7)
5 anos ou mais	03 (16,7)
Não respondeu	03 (16,7)
Local (n=18)	
Domicílio	09 (50,0)
Clínicas/consultórios	02 (11,1)
Hospital	04 (22,2)
PSF	01 (5,6)
Não respondeu	02 (11,1)

DISCUSSÃO

Diante do que foi apresentado, observa-se que o grupo social estudado é marcado por históricas relações desiguais de gênero. Inicialmente, se observa a perpetuação do caráter feminino da profissão de enfermagem e, mais especificamente, do profissional técnico em enfermagem. Tal informação coaduna com dois estudos com estudantes de curso técnico de enfermagem que apresentam na caracterização do grupo estudado a maioria feminina [13,14].

A idade média em torno de 26 anos retrata que esse grupo social é composto por indivíduos jovens que buscam alguma qualificação profissional, e a procura no mercado de trabalho é a partir de 19 anos de idade, ou seja, após a conclusão do ensino médio.

A cor autodeclarada foi retratada como um item relevante durante a coleta, pois muitas participantes apresentaram dificuldades para definir sua cor de pele. Conforme a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as cores de pele são preta, parda, branca, amarela e indígena, porém, no senso comum, há muitas variações para a cor de pele, sendo utilizados termos como morena, moreninha, mulata, entre outros. Na aplicação coletiva do TALP, algumas pessoas não responderam essa questão, ilustrando a problemática associada aos aspectos construídos socialmente sobre cor, raça e racismo no Brasil.

A predominância de pessoas católicas no Brasil ainda prevalece, mesmo havendo um decréscimo temporal do predomínio dessa religião[15]. Isso é confirmado com o perfil preponderante encontrado no grupo social estudado, sendo que se acredita ser este resultado da colonização, com influência da Igreja Católica na política e no convívio social das pessoas, refletindo também em respostas espontâneas de acordo com o perfil histórico majoritário desta religião.

A grande maioria (76,5%) possui uma renda de menos que dois salários mínimos, evidenciando assim que grande parte das alunas estão inseridas no estrato social de baixa renda. O tipo de ocupação das participantes revela que a escolha pela profissionalização permeia várias trajetórias de vida, unificando nesse curso tanto pessoas que somente estudam como as que trabalham em variadas áreas, porém, têm ocupações insatisfatórias e/ou subalternas. Nessa conjuntura, segue-se com a interseccionalidade das desigualdades de raça e classe, que consiste na interatividade de formas de subordinação, as quais têm o reflexo como consequências da interação de duas ou mais formas de discriminação, no caso, as discriminações de raça e gênero. É uma definição do problema ou condição em que se procuram os resultados da associação entre duas ou mais formas de discriminar.[16]

A predominância feminina no grupo estudado retrata a questão de gênero que permeia a enfermagem desde seus primórdios. De acordo com Lopes e Luis[17], a feminização da enfermagem brasileira persiste no decorrer dos anos, sendo marcada pela divisão sexual do trabalho, e está assentada na construção social e cultural que determina papéis e funções para homens e mulheres, nas quais é atribuído às mulheres a função de "cuidadora".

O conceito de gênero é concebido para indicar as relações entre as pessoas permeadas por características designadas através das diferenças entre os sexos. Essas relações são reproduzidas historicamente por meio de instituições e processos socializatórios, os quais podem se sobrepor às desigualdades existentes. Neste contexto, pode-se citar como um dos produtos e consequências, a formação profissional, como em relação às participantes desse estudo.

O gênero detém como elementos implícitos para a sua compreensão: a sua historicidade, a qual é mutável, estando em transformação; e o poder, cujas relações são baseadas na supremacia de um em detrimento de outro indivíduo, porém, existem formas pelas quais se viabilizam mudanças nessa relação de poder.

As instituições, como a família, perpetuam valores impregnados historicamente de desigualdades de gênero, todavia, através do movimento feminista, estudos e discussões, pode-se intervir transformando, mesmo que paulatinamente, esses valores, mudando o retrato das desigualdades de gênero e também de raça e classe. Afinal, estas diferenças se interceptam (interseccionalidade), inclusive, nos processos socializatórios e nas instituições.

Logo, uma pessoa que constrói sua identidade de gênero em meio às condições de raça e classe de seu contexto de vida pode ser considerada produtos dessas construções sociais, o que reflete na sua formação e atuação profissional. Afinal, a estas dependem: sua condição de gênero, de sexo e das relações que envolvem esses fatos; sua condição racial e socioeconômica, portanto, as mulheres, as quais constituem a maioria das participantes desse estudo, são referenciadas como a imagem da profissão de

enfermagem, pois, historicamente, detêm o objeto de cuidar, o qual, conforme Tronto[18], consiste numa dinâmica focada no gênero, seja no mercado de trabalho, seja na vida privada. Deste modo, as mulheres acumulam, conforme a identidade de gênero construída socialmente, atribuições do "cuidar de" e os homens do "cuidado com".

Percebe-se que o fato da maioria das estudantes participantes da pesquisa ser do sexo feminino confirma a feminização da profissão de enfermagem em suas diversas categorias. A pouca variação dos demais aspectos sociodemográficos que caracterizam o grupo social estudado revela que este não está unido apenas pela condição de discente do mesmo curso técnico de enfermagem mas também por condições econômicas, religiosas e culturais que demarcam experiências similares no contexto de vida.

CONCLUSÃO

As informações apresentadas indicam que a população de estudantes do curso técnico de enfermagem é formada por pessoas adultas jovens, majoritariamente mulheres, estudantes, católicas, de cor parda e com renda familiar entre um e dois salários mínimos. A renda familiar e as atividades laborais desenvolvidas pelas participantes, atreladas às características sociodemográficas, retratam a realidade social, econômica e cultural na qual o grupo está inserido.

A feminização desta profissão, assim como os aspectos sociodemográficos, mostram que o grupo está unido por condições socioeconômicas, religiosas e culturais que demarcam experiências similares no contexto de vida e condições de gênero construídas e arraigadas no conhecimento e na prática social que refletem na profissão de Enfermagem.

A partir desta caracterização fundamentada na perspectiva de gênero, é possível atuar, academicamente, no sentido de adequar e/ou influenciar metodologias de ensino, buscando sensibilizar profissionais desde a formação, prevendo pessoas mais bem preparadas para assumir suas funções no mercado de trabalho. Para tanto, é relevante, devido ao pensamento socialmente construído de atribuições vinculadas ao cuidado ao próximo para este grupo, que seja estimulado, ainda no processo de formação, o cuidado atrelado ao pensamento crítico e às questões socialmente construídas de gênero, para que as ações dessas profissionais não se limitem à habilidade técnica e, consequentemente, a ações puramente mecanizadas, mas que estas sejam sujeitos participativos, críticos e transformadores, portanto, é importante conhecer o perfil dos profissionais que estão sendo formados, visto que a aquisição do conhecimento e a consequente formação destes profissionais serão determinados por fatores socioeconômicos, culturais e individuais de cada sujeito.

FINANCIAMENTO

Estudo realizado com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

REFERÊNCIAS

1. Almeida MCP; Rocha JSY. O Saber de Enfermagem e sua dimensão prática. 2 ª ed. São Paulo: Cortez; 1986.

2. Lei nº 775/49. Dispõe sobre ensino de enfermagem no País e dá outras providências. 06 de Agosto de 1949.

3. Lei n° 7.498/86. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. Principais legislações para o exercício da Enfermagem, COREN-BA. 25 de junho de 1986.

4. Zerbetto SR; Pereira MAO. O trabalho do profissional de nível médio de enfermagem nos novos dispositivos de atenção em saúde mental. Rev Latino-am Enfermagem [Internet]. 2010 [cited 2013 Apr 29];14(4):529-38. Available from. 2005; 13(1): p. 112-7.

5. Peduzzi M. Mudanças tecnológicas e seu impacto no processo de trabalho em saúde. Trabalho, Educ Saúde [Internet]. 2002 [cited 2013 Apr 29];1(1):75-91. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462003000100007.

6. Lyra MRSB; Souza MAA; Bitoun J. Demografia e Saúde: Perfil da População. In: RECIFE. Prefeitura. Desenvolvimento Humano no Recife: atlas municipal. 2005. CD-Rom.

7. Síntese de Indicadores Sociais, uma análise das condições de vida da população Brasileira 2010. Rio de Janeiro: IBGE; 2010 p. 317.

8. Scott JW. História das Mulheres. In: Burke P. A escrita da história. São Paulo: Novas Perspectivas/UNESP; 1992. p. 63-95.

9. Saffioti H. Rearticulando gênero e classe social. In: Bruschini C;Costa AO. Uma questão de gênero. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Rosa dos Tempos; 1992; p. 183-215.

10. Schienbinger L. O feminismo mudou a ciência? Tradução: Raul Fiiker. Bauru: EDUSC; 2001. p.09-74.

11. Rodrigues AS. Representações Sociais de discentes do curso técnico de enfermagem sobre a problemática das drogas [dissertação].

Salvador (BA): Universidade Federal da Bahia; 2011.

12. Coutinho MPL; Lima AS; Fortunato ML; Oliveira FB. Representações Sociais: Abordagem Interdisciplinar. 1 ed. João Pessoa: Universitária UFPB; 2003.

13. Baumgarten l.Costa-Santos s.Pelzer m.Piexak d.Vidal d.Gautério d. The instruction about caring the elderly in the nursing technical course: case study. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2012 Aug [cited 2013 Apr 29]; 6(10):[about 6 p.]. Available from: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/2831

14. Oliveira JM, Fernandes S, Pires-GM. Professional profile of nursing interns from the teaching hospital. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2012 June [cited 2013 Apr 29]; 6(8):[about 6 p.]. Available from: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/3038

15. Neri MC; Melo LCC. Novo mapa de religiões. Dossiê: Panorama Religioso Brasileiro - Horizonte, Belo Horizonte [Internet]. 2010 Oct/Dec [cited 2013 Apr 29]; 9(23):637-73. Available from: http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/issue/view/151.

16. Crenshaw K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial ao gênero. Rev Estud Fem [Internet]. 2002 [cited 2013 Apr 29]. Available from: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/destaque/Pesquisa_Retrato_das_Desigualdades.pdf.

17. Lopes GT; Luis MAV. A formação do enfermeiro e o fenômeno das drogas no estado do Rio de Janeiro - Brasil: atitudes e crenças. Rev Latino-am Enfermagem. 2005 out; 13(spe): pp. 863-871.

18. Tronto J. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso?. In: Jaggar A; Bordo S (Org.). Gênero, Corpo, conhecimento. Parte II. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos; 1997. p.186-203.

Submissão: 17/04/2014
Aceito: 20/05/2015
Publicado: 15/06/2015

Correspondência

Andréia Silva Rodrigues
Campus Universitário do Canela
Grupo de Estudos em Saúde da Mulher/GEM
Av. Dr. Augusto Viana, s/n
Canela
CEP 40110-060 – Salvador (BA), Brasil